

UMA IDEIA A RECUPERAR? A CONCEÇÃO HUMBOLDTIANA DA UNIVERSIDADE E O CASO DA FILOSOFIA

RESUMO

Neste artigo analiso o estado atual das humanidades partindo de duas figuras, Wilhelm von Humboldt and Steven Pinker, e de uma controvérsia em que Pinker esteve recentemente envolvido. Ao longo do artigo tomo a minha própria disciplina, a filosofia, como referência.

ABSTRACT

In this article I discuss the current state of the Humanities starting from two figures, Wilhelm von Humboldt and Steven Pinker, and from a controversy in which the latter was involved. Throughout the article I will take my own discipline, Philosophy, as a reference.

1. O PLANO

Gostaria de ensaiar aqui, em torno de duas figuras e de alguns factos, ideias específicas acerca de universidade. A primeira figura é o filósofo, linguista e político alemão Wilhelm von Humboldt (1767-1835), fundador de uma universidade em Berlim, a Humboldt Universität, e que é muitas vezes referido como o pai do sistema educativo alemão¹. A segunda figura é o psicólogo e cientista cognitivo americano Steven Pinker, professor em Harvard e autor de alguns livros polémicos sobre mente e comportamento humanos².

¹ Humboldt viveu antes do processo de unificação da Alemanha (1871); seria por isso mais exacto dizer que nasceu e viveu na Prússia. Por volta de 1914 a universidade alemã, estruturada por princípios humboldtianos, era reconhecida como a melhor do mundo.

² O livro de Pinker de que falei mais à frente foi traduzido para português com o título *Os Anjos bons da nossa natureza: porque tem declinado a violência*. Lisboa: Relógia d'Água, 2016.

Os factos dizem respeito a uma controvérsia em que Pinker esteve envolvido, uma controvérsia acerca daquilo que as humanidades devem fazer na universidade. No que se segue terei em mente a filosofia como estudo de caso não só porque a filosofia é a única língua teórica da qual sou falante nativa mas também porque a filosofia, enquanto disciplina, reflete hoje em si própria as disputas e orientações muito diversas na prática universitária das humanidades que me interessa aqui considerar. Entre, por exemplo, o uso da lógica e da teoria da computação para pensar sobre mente e cérebro em torno de alguém como Alan Turing e a referência a Marx para pensar sobre alienação e emancipação na nossa vida social e política comum há, dentro da filosofia ela própria, universos que se situam a anos-luz de distância entre si. Isso será importante para as ideias que pretendo ensaiar.

Este texto decorre em dois tempos: começarei por recordar brevemente o que se entende por concepção humboldtiana de universidade bem como algumas realizações desta ideia desde o século XIX. Porei em relevo o papel especial que a concepção humboldtiana de universidade dá às humanidades no contexto da *Bildung* (*Bildung* é uma palavra alemã especialmente útil que nomeia a cultura refletida do indivíduo e o valor desta para o próprio indivíduo, por contraste com perícias profissionais socialmente utilizáveis). Num segundo passo analiso o caso particular que envolveu Pinker em torno do que as humanidades devem e podem fazer hoje, em pleno século XXI. Escolhi um caso real mas que se passa num outro espaço, o mundo académico americano, de forma a ter um objeto suficientemente distante no espaço mas não no tempo³. O caso interessa-me precisamente porque é um caso do nosso tempo e um caso emblemático. Não pretendo que ele tenha uma leitura única. Retomarei, ao considerá-lo nestas páginas, um artigo que escrevi para a *Forma de Vida*, a revista do Programa em Teoria da Literatura da Universidade de Lisboa⁴.

³ Não pretendo ser neutra quanto às universidades americanas: elas são (ou foram) as melhores no nosso tempo.

⁴ Em torno do Programa em Teoria da Literatura da Universidade de Lisboa tem havido uma discussão bastante desafiadora sobre o que pode entender-se por humanidades (veja-se Feijó e Tamen, 2007). O Programa data dos anos 90 do século passado. Por razões mais ou menos contingentes a filosofia tem estado presente nesse contexto, de resto sob uma forma distinta daquilo que foram sendo as orientações do Departamento de Filosofia da própria Universidade de Lisboa (cf. por exemplo, o número da revista *Forma de Vida* dedicado ao filósofo Stanley Cavell (<https://formadevida.org/fdv15>) ou o número em preparação dedicado à filósofa Elizabeth Anscombe). As ideias fulcrais acerca da universidade, de António Feijó e Miguel Tamen, ambos ligados ao Programa em Teoria da Literatura, foram ainda concretizadas num projeto específico: a licenciatura em Estudos Gerais na Universidade de Lisboa, que começou a funcionar no ano letivo de 2011/2012. Para uma explicitação das convicções acerca de universidade por trás destas experiências veja-se Feijó e Tamen - *A Universidade como deve ser*, 2017.

2. O IDEAL

O *Humboldtisches Bildungsideal*, o ideal de Humboldt, é um conceito que emergiu nos inícios do século XIX, um conceito de combinação de investigação com estudo, integrando ciências e humanidades, visando a *Bildung* de cada indivíduo – *i. e.* a formação global desse indivíduo. Educar uma pessoa globalmente é o objetivo da universidade, e isso deve ser feito integrando ciências e humanidades e nas referidas condições de combinação da investigação e do estudo. Noutras palavras, o objetivo da universidade não é o treino profissional dos indivíduos para o mercado de trabalho, não é o treino de *skills* ou saberes específicos para a profissão A ou B ou C. O objetivo da universidade é cultivar o espírito globalmente, em cada indivíduo. Podemos perguntar: mas cultivar o espírito globalmente serve para quê? A resposta é política e filosófica: sem seres humanos assim educados não há bons cidadãos nem bons países. Esta é a resposta mais importante. Num segundo momento é possível, note-se, apontar vantagens económicas do propósito humboldtiano: a verdade é que com esta base é possível treinar e retreinar perícias profissionais mais tarde na vida, tornando possível a alguém mover-se de uma ocupação para outra (neste aspeto a ideia de Humboldt não está assim tão fora do tempo).

Na Alemanha (já que estamos a olhar para uma ideia que nasceu na Alemanha) quando o processo de Bologna foi introduzido no sistema universitário europeu (a Declaração de Bologna data, recorde-se, de 1999) houve uma grande discussão em torno da falência do ideal de Humboldt que Bologna representava. Ou Bologna ou Humboldt – não se pode ter tudo. Um filósofo que foi ministro da cultura na Alemanha, Julian Nida-Rümelin, esteve no centro das discussões – outro filósofo e sociólogo, Jürgen Habermas, foi (é) um dos grande defensor do ideal de Humboldt. Este, podemos dizer, coloca a civilização e a cultura acima da inovação e do empreendedorismo⁵.

A filosofia tem uma importância grande no ideal de Humboldt enquanto ideal de educação na medida em que o objetivo do ideal humboldtiano é, na verdade, propiciar em cada pessoa uma *Weltanschauung* (uma outra palavra alemã muito útil, que significa visão de mundo, conceção global de mundo). Em inglês, uma língua que hoje nos fala talvez mais diretamente, poder-se-ia dizer que o objetivo do ideal humboldtiano é propiciar em cada pessoa uma conceção de ‘*how things hang together*’ (esta é uma expressão ao filósofo americano Wilfrid Sellars, que podemos traduzir por uma conceção de ‘como as coisas globalmente são’). Uma conceção global de como

⁵ Não considero aqui a discussão (sempre presente no pensamento alemão) acerca da diferença entre cultura e civilização.

as coisas são inclui uma visão de como é o universo (físico, biológico) e como se situam nele as coisas humanas (históricas, económicas, políticas, artísticas, religiosas, etc). Note-se (esta é uma nota sobretudo para filósofos) que sublinhar a importância de uma *Weltanschauung* não é o mesmo que fazer apelo à necessidade do pensamento crítico, um passo que tantas vezes serve para defender a importância da filosofia na universidade. Trata-se de duas formas alternativas de convocar a filosofia para a educação de um indivíduo. O pensamento crítico como treino do nosso raciocínio – que tantos departamentos de filosofia pelo mundo fora ensinam para toda a universidade – é uma espécie de lógica *watered down*, lógica dissolvida até ser apenas instrumental, para quem não se atreve a entrar nos aspectos formais e matemáticos da lógica, aqueles que são verdadeiramente importantes do ponto de vista filosófico. Mas este é um aparte para filósofos.

De qualquer forma a ideia é organizar o sistema universitário de acordo com estes princípios (vamos dizê-lo claramente) *humanistas*. Repare-se que neste contexto as Humanidades não são apenas as disciplinas A, B ou C (história, ou literatura ou filosofia). Aquilo que as caracteriza globalmente é um objetivo: pôr em ordem no espírito do indivíduo uma conceção de como as coisas globalmente são – *how things hang together*. Ora, para isso, as ciências (ou uma noção do estado do pensamento científico no nosso tempo) são importantíssimas. São mesmo incontornáveis.

Pelo menos num certo ponto da história foram as universidades americanas (a primeira das quais a Universidade de Johns Hopkins, fundada em 1876), e não as universidades europeias, elas próprias as melhores realizadoras deste ideal nascido na Alemanha. A ideia de poder estudar tudo o que se deseja, a liberdade de aceder à cultura, às ciências e às artes em tudo aquilo que estas têm de melhor num dado momento, a liberdade de fazer combinações nos nossos estudos (por exemplo Música e Física; Linguística e Biologia; Geologia e Francês; Chinês, Filosofia e Economia) teve aí a sua melhor expressão. Recapitemos: a finalidade de tudo isto é *Allgemeinbilden* (educar globalmente, dar uma educação global ao indivíduo). Para quê? Tendo em vista uma *Weltanschauung* no indivíduo e assim uma *Weltburgertum* (uma cidadania cosmopolita do indivíduo assim educado). Há aqui ainda um outro ponto muito importante. Por trás da ideia segundo a qual toda a aprendizagem deve ser guiada pela investigação que se faz no momento está obviamente o reconhecimento de que não há ciência ou conhecimento humanos já feitos e terminados de uma vez por todas. É por isso que trabalhar o espírito de cada indivíduo é importante. As coisas não estão paradas. A ciência não está já feita. O conhecimento não atingiu um ponto terminal e, no entanto, há que organizar, agora e aqui, sociedades, viver vidas, fazer política. Trabalhar o espírito de cada indivíduo, trabalhar o espírito para esse estado inacabado e

a obrigação de continuar que é o estado das coisas humanas, é o valor das humanidades – esta é a resposta à *million dollar question* ‘Para que servem as humanidades?’.

Para nós, que somos portugueses, vale a pena notar que este ideal de liberdade de estudos e de liberdade do *curriculum*, visando a *Bildung* e a cidadania cosmopolita é um ideal alemão, que floresceu nos Estados Unidos, e que foi promovido contra um outro modelo, o modelo francês. O modelo francês é o modelo da rigidez dos *curricula*, muito semelhante ao que viemos a ter em Portugal e ao qual sempre estivemos intimamente ligados – é um modelo em que há fios estreitos de estudos particulares em disciplinas particulares visando profissões específicas⁶.

Mas por ter referido os Estados Unidos como realização, a certo momento, deste ideal humbolditano (que, volto a notar, não é tão absurdo assim num tempo como o nosso em que saberes técnicos e científicos instrumentais se tornam muito rapidamente obsoletos) queria passar agora para lá, para um problema, um estudo de caso. Afinal o que é suposto as humanidades fazerem para desempenharem este papel fundamental na educação universitária? E por que é que as coisas parecem tão diferentes hoje? Será apenas por razões económicas? Recorro então agora a um artigo curto que publiquei na *Forma de Vida*, a revista *online* do Programa de Teoria da Literatura da Universidade de Lisboa⁷. O artigo chama-se “Manifestação de quê?” O caso é o seguinte.

3. O CASO

Em 2014, num editorial intitulado *The New Humanities* os editores da revista *The Point* retomam a controvérsia entre o psicólogo e o cientista cognitivo Steven Pinker e Leon Wieseltier, que foi até 2014 editor literário da revista *New Republic*. O choque de pontos de vista entre Pinker e Wieseltier é uma manifestação particularmente expressiva; é bem mais difícil dizer o que se manifesta. Tratar-se-á de uma batalha em torno de fronteiras disciplinares, em particular das fronteiras das humanidades, que se sentem invadidas e violadas? Tratar-se-á, mais uma vez, de choque de culturas? Estaremos perante duas pessoas que degladiam modelos ilusórios de humanidades e de ciência, passando ao lado de alterações muito reais na universidade e na cultura em

⁶ Note-se que a ideia humboldtiana passa dos Estados Unidos para países do Norte da Europa, nomeadamente para países escandinavos. Ainda me lembro de enviar estudantes Erasmus para a Finlândia e eles ficarem surpreendidos e assustados por poderem escolher as disciplinas que frequentariam em vez de serem postos perante um currículo fixo.

⁷ Sugiro a leitura dos restantes artigos do Simpósio então organizado pela revista *Forma de Vida* (curador: Humberto Brito). Os artigos são da autoria de Abel Barros Baptista, Filomena Molder, Miguel Tamen e Gustavo Rubim.

geral? Tudo isto se cruza no Editorial. O pretexto imediato para a reação de Wieselter é a forma como Pinker, pleno de boa consciência (admitamos que o está), defende a relevância da ciência para uma *humanistic scholarship*. No entanto, na opinião de Wieselter, o que Pinker está a defender é a invasão das humanidades pela ciência. Wieselter seria assim a voz indignada das humanidades que vêem o seu espaço invadido – por exemplo por autores bem sucedidos de *pop science* como Pinker – e que desejam protegê-lo. Mas como podem as humanidades reclamar contra a invasão pela ciência? Não são elas mesmas muitas vezes (pelos menos nos Estados Unidos) a abrir os braços às ciências, tanto que se vêem por vezes acusadas de ‘cientismo’ e de ‘neuromania’? (aqui há nitidamente alguma filosofia como alvo, precisamente em algumas das áreas nas quais trabalho, nomeadamente a filosofia da mente⁸). O diagnóstico deste estado cientificista e neurómano das Humanidades nos Estados Unidos é de resto o ponto fulcral do Editorial. Os exemplos chegam a ser divertidos, como o de estudantes cuja atividade cerebral é registada em aparelhos de imagem por ressonância magnética enquanto lêem *Mansfield Park*. Os exemplos podem ser divertidos mas são absolutamente reais e, de qualquer forma, a verdade é que visão das Humanidades em nome da qual Wieselter reage a Pinker – a ideia de uma ‘compreensão da interioridade humana pelo contacto com obras’ – está muito distante dos factos e do espírito dos *curricula* no tempo em que ele fala. Wieselter acena com Proust e com Tolstoi, como se fosse isso que se faz nos estudos literários nos Estados Unidos. O ponto dos Editores é que não é. Deixou de ser. O que aconteceu entretanto? Aconteceu que, para além do cientismo e neuromania, os estudos de humanidades se abriram por exemplo aos estudos de género, aos *gay studies*, e aquilo que era o cânone se alterou completamente, e foi contestado nomeadamente por razões de ativismo político. Ora se o potencial estudante de humanidades se depara com uma situação em que não poderá sequer talvez estudar os clássicos (Shakespeare ou Platão, digamos), até poderíamos simpatizar com Pinker. É neste espaço que o apelo intelectual de certo trabalho científico se faz sentir. Por exemplo o livro de Pinker sobre violência a que se alude no início do Editorial (*The Better angels of our nature: why violence has declined*, um *doorstop* de 800 e muitas páginas) pode ser filosoficamente ingénuo⁹, mas tem por trás questões reais e trabalho científico em curso (não necessariamente do próprio Pinker) sobre a história dos animais humanos e a violência. Vamos imaginar que somos um jovem estudante americano, ou

⁸ Para se ter uma noção do campo da filosofia da mente sugiro a seguinte fonte: <https://philpapers.org/browse/philosophy-of-mind>.

⁹ Esta foi a acusação de muitos. Mas o livro não deixou, sublinhe-se, de ser louvado por filósofos, por exemplo pelo célebre filósofo australiano Peter Singer (cf. *New York Times*, Sunday Book Review, october 6, 2011).

um estudante visitante nos Estados Unidos, escolhendo as disciplinas em que se vai inscrever – não poderíamos considerar a atenção a um tal tópico intelectualmente mais produtiva do que o ‘engajamento’ à força na batalha pela *political correctness* que transformou a face das humanidades na academia americana? Não seria legítimo procurar a ciência do cérebro e do comportamento, a ciência cognitiva, para procurar compreender o comportamento dos humanos em geral?

Desde logo, é preciso dizer que o interesse pela ciência é totalmente diferente de cientificismo e neuromania. Essa é, no entanto, uma diferença subtil, difícil, e isto tem um reflexo direto na filosofia académica, por exemplo na filosofia analítica¹⁰ feita na Europa e em Portugal. O cientismo e a neuromania que preocupam os editores da *The Point* não são aí de todo desconhecidos. Na verdade, correspondem a um certo enviesamento na receção europeia da filosofia americana da segunda metade do século XX. Quando a filosofia americana da mente e da cognição entrou em força no panorama europeu há umas décadas atrás (a partir dos anos 80 do século passado), ela erguia-se contra uma certa falta de relevância intelectual real (nomeadamente de acordo com alguns filósofos franceses¹¹), da filosofia historicista e literária dominante, de tradição francesa. Nem tudo, no entanto, foi positivo nesse passo de aproximação da filosofia europeia à filosofia americana: o cientificismo e a neuromania de que os editores da *The Point* se queixam chegaram à filosofia europeia (também) por essa via, e traduziram-se em fazer filosofia como se fosse uma certa espécie de ciência, uma prática intelectual analítica e argumentativa directa, professando desprezo pela cultura, pelas artes e pela literatura. Na filosofia estes seriam os aliados do ‘outro lado’, o lado obscurantista, gaulês, ‘literário’. Ora esta forma de ver as coisas é no mínimo preconceituosa (é preconceituosa nomeadamente em relação à filosofia americana que actualmente se faz)¹².

Mas será realmente esse o problema? Será que o problema é a existência de um espaço não ocupado quando uma certa forma de praticar as humanidades recua, o espaço para o qual alguém como Pinker pode avançar? Devo dizer que não tenho desdém algum por Steven Pinker – utilizo os seus livros para, por exemplo, ensinar filosofia da linguagem na FLUP, nomeadamente para enquadrar as propostas de Noam Chomsky sobre a natureza da linguagem numa história mais ampla da ciência cognitiva nas últimas décadas¹³.

¹⁰ Para o que pode entender-se por ‘filosofia analítica’ – uma etiqueta que a maior parte das pessoas identifica com a filosofia anglófona – ver Miguens 2019.

¹¹ Estou a pensar nomeadamente no processo que deu origem à fundação do Institut Jean Nicod em Paris, em 2000 (<http://www.institutnicod.org/>).

¹² Procurei dizer isto muito mais alargadamente em Miguens 2019.

¹³ Estou aqui a falar de um outro livro de Pinker, *The Language Instinct* (1994).

Talvez o problema seja em parte esse, o problema do espaço não ocupado. O problema é certamente também o da transformação do lugar e do papel social e económico das universidades. O filósofo Robert Pippin¹⁴ retrata, no seu comentário ao Editorial, a situação americana, que se traduz, nomeadamente, no momento em que escreve, na enorme descida do número de estudantes de humanidades¹⁵. Podemos acreditar que as humanidades são muito importantes para a educação global do indivíduo; podemos querer aplicar tal ideia à universidade, sugerindo que, esteja esse indivíduo a estudar Matemática, Medicina, Economia ou Design o seu *curriculum* tenha um componente de humanidades. Mas a ideia segundo a qual o resultado de uma educação universitária é algo de valioso para o indivíduo ele próprio, e como tal um fim em si, não é necessariamente atraente do ponto de vista do *marketing* político. Na verdade, é algo que há muito tempo as universidades massificadas, abafadas por agruras económicas, na Europa e nos Estados Unidos, deixaram de ter em consideração. É um ideal de outros tempos. Será que alguma universidade está neste momento interessada em tal ideal, ou o vê como a sua ‘missão’, para falar o linguajar tecnocrático? Não creio, por mais que uma ou duas frases bem intencionadas acerca de cultura e artes apareçam usualmente nas auto-descrições oficiais das instituições universitárias. A verdade é que as universidades se veem hoje sobretudo como propiciadoras profissionais, formadoras de mão de obra qualificada para o mercado de trabalho; é em grande medida isso que os seus ‘clientes’ delas solicitam e delas esperam, é assim que o poder político as vê. Talvez – e esse é um ponto muito importante, para o qual quero chamar a vossa atenção – até seja bem mais assim em Portugal do que nos Estados Unidos, dada a tradição portuguesa, ausente nos Estados Unidos, de uma ligação direta de ciclos de estudos com profissões específicas. Esse é o mais grave problema a partir de dentro da universidade como instituição, e ele não é função direta da ‘crise de identidade’ das humanidades. É claro, no entanto, que o lugar natural das humanidades e das artes na educação de cada indivíduo fica impossibilitado, gravemente ferido ou anulado, numa conceção profissionalizante ou tecnocrática de universidade.

¹⁴ Professor na Universidade de Chicago, especialista em idealismo alemão.

¹⁵ Esta ‘explicação económica’ da crise das humanidades (em termos de número de estudantes) é uma especificidade dos Estados Unidos, ligada ao altíssimo valor das propinas universitárias. Em Portugal, as humanidades não foram particularmente sub-financiadas em termos de investigação (pelo contrário: elas apanharam o barco da criação da ‘investigação institucional’ em muito boa posição). O mesmo já não poderá dizer-se acerca das escolas de humanidades (embora a situação seja diferente de universidade para universidade).

4. A CONCLUSÃO

Talvez o ideal da educação global do indivíduo, o ideal humboldtiano da *Bildung*, seja então algo que apenas pode continuar a existir fora das universidades. A vida intelectual continua e as humanidades estão lá para quem as deseja. Os Editores da *The Point* têm, por exemplo, confiança na identidade dos estudos literários – é a partir desse ponto de vista que falam. Trata-se de participar na conversa acerca do que significa ser humano, dizem (embora, como notam ironicamente, um percurso acadêmico pelos estudos literários possa, neste momento, parecer impedir tal). Talvez os Editores sejam invulgares; talvez essa confiança esteja a faltar aos estudos literários acadêmicos pelo mundo fora neste momento. Os Editores confiam ainda numa outra coisa: pensam que o assunto das humanidades simplesmente excede a academia. Estes dois pontos de confiança são importantes (pessoalmente partilho-os) mas a verdade é que nada obriga a continuar a ligá-los à universidade. Podem ficar simplesmente para as pessoas e para a sua vida intelectual privada enquanto as universidades seguem para um futuro diferente.

Termino com uma queixa de Pinker que me parece sintomática (como disse no início – não proponho que haja uma leitura única deste caso mas a leitura do próprio Pinker é certamente uma leitura possível). Pinker queixa-se da falta de uma agenda progressista por parte das humanidades e das ciências sociais tal como estas são praticadas na academia e pensa que um livro como o seu encontra aí o seu lugar. Isto é absolutamente polémico, absolutamente controverso. Isto pressupõe, por exemplo, para sermos explícitos, que a tradição do iluminismo e do progresso no conhecimento, a tradição do racionalismo na nossa vida intelectual, está hoje mais segura na mão das ciências do que nas mãos da *political correctness* (que Pinker associa a um relativismo anti-racionalista) que se tornou tão importante nas humanidades e ciências sociais. Vale a pena, apesar de tudo, pararmos um pouco para pensar nesta ideia do valor da ciência para a nossa vida intelectual – para além do valor de descobrir verdades acerca de como o mundo é há um valor em ser capaz de pensar cientificamente. É essa a ideia. Para dar de novo um exemplo local, um exemplo da FLUP, quando ensino disciplinas de Filosofia contemporânea e considero o feminismo na sua relação com correntes diversas da filosofia contemporânea não me passa pela cabeça que o feminismo faça todo o trabalho de uma ‘agenda intelectual progressista’. O feminismo tem o seu lugar em filosofia prática, quando se trata de emancipação, moralidade e política, mas não está, só por si, por exemplo, a ensinar-nos o que é pensar cientificamente. Talvez a lógica faça aí um melhor trabalho. O feminismo situa-se claramente mais na trilha de Marx do que na trilha de Turing, para retomar a minha imagem da filosofia no início do artigo – a emancipação política é importantíssima, podemos dar a vida por ela, mas não é tudo o que há na vida

intelectual de uma pessoa. A queixa de Pinker é importante também por aí: ela chama a atenção para o facto de não podemos ter um ideal humboldtiano sem termos uma conceção de racionalidade, de progresso, do que é ser humano e do que queremos que seja. Mas aqui não há posições simples. Será que temos sequer razão para acreditar em progresso nas coisas humanas? Podemos duvidar. Quero terminar precisamente nessa nota de de dúvida e por isso termino a epígrafe (de J. Nestroy) que o filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein escolheu para as suas *Investigações Filosóficas*, uma das obras-primas da filosofia do século XX:

“Überhaupt hat der Fortschritt das an sich, dass er viel grosser ausschaut, als er wirklich ist”
(O progresso parece muito maior do que realmente é)

Talvez os promotores da inovação e do empreendedorismo como ideal único para a universidade de hoje devam pensar sobre isto.

REFERÊNCIAS

BRITO, H., curador (2015) - Simpósio As Novas Humanidades. *Forma de Vida*. 5 (jan. 2015). Disponível em: <https://formadevida.org/>.

FEIJÓ, A. M.; TAMEN, M. (2017) - *A Universidade como deve ser*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

FEIJÓ, A. M.; TAMEN, M., org. (2007) - *A Teoria do Programa: uma homenagem a Maria de Lourdes Ferraz e a M. S. Lourenço*. Lisboa: Programa em Teoria da Literatura, Universidade de Lisboa.

MIGUENS, S. (2019) - *Uma Leitura da filosofia contemporânea: figuras e movimentos*. Lisboa: Edições 70.

MIGUENS, S. (2015) - Manifestação de quê? *Forma de Vida*. 5 (jan. 2015). Disponível em: <https://formadevida.org/smiguensfdv5>.

PINKER, Steven (2016) - *Os Anjos bons da nossa natureza: porque tem declinado a violência*. Lisboa: Relógia d'Água.

PINKER, Steven (1994) - *The Language instinct: the new science of language and mind*. London: Penguin.